

OPOSIÇÃO MODERADA

Oposição moderada foi a orientação últimamente assentada pela União Democrática Nacional em relação ao governo do sr. Juscelino Kubitschek. Justificou-se, ao que parece, tal atitude com o perigo, que haveria de não poder este suportar o impacto de uma oposição violenta, o que teria por consequência a tomada ostensiva do poder pelos elementos militares e extremistas que, indiretamente e à socapa, estão realmente governando o País. E' como se se dissesse: mal com o sr. Juscelino Kubitschek, pior sem êle.

Se por oposição moderada se quisesse significar oposição firme e esclarecida, mas sem os lamentáveis excessos de linguagem em que têm caído alguns dos representantes udenistas, a começar pelo líder do partido, nada teríamos que opôr à orientação adotada e, pelo contrário, a louvaríamos. Muitas vêzes tem sido prejudicada por linguagem desbragada a ação da Oposição. Conviria, realmente, que se mudasse o estilo, mas sem prejudicar a intensidade da ação oposicionista. Vale mais argumentar, do que vituperar.

Tal não é, porém, o sentido da expressão. E' a própria ação oposicionista o que se pretende moderar. Esclarece-o suficientemente a justificação que da nova orientação se dá. Quer-se poupar o Governo, evita-se abalá-lo, por causa dos perigos que lhe traria a queda.

Ora, tal propósito é, justamente, o que nos parece condenável. Não é conveniente, nem decoroso poupar um governo tão negativo, tão sem firmeza, sem orientação e sem dignidade, como o que sobeava pelos céus do Brasil. Moderar contra êle a oposição o mesmo é que ter para com êle uma cumplicidade atenuada, cumplicidade com seus erros, dissipações e loucuras. Uma ação vigorosa lhe acarretará a queda? Pois que caia. Suceder-lhe-ão e governarão a descoberto, os que agora já estão governando por trás do Presidente? Será isto uma definição e uma tomada de responsabilidade. Demais, muito inábil teria de ser a ação oposicionista, se, juntamente com a do governo formal, não acarretasse ela a debilitação do governo real, que por trás do primeiro se exerce, e ninguém ignora que se exerce. Será possível, por exemplo, dissociar a responsabilidade do general Henrique Lott, da responsabilidade do presidente Kubitschek? Não, ainda que aquêle se antecipe em repudiá-la. E o novo governo, se chegasse a constituir-se, traria consigo as debilidades da sua origem espúria. Em se querendo combater a doença, não há que temer a crise que a poderá curar.

Nesta triste situação em que se debate o País, e em face dêste governo, não admitimos oposição que não seja vigorosa e completa. Não nos podemos constituir em defensores e sustentáculos de uma situação que por todos os motivos repudiamos.

E' bem verdade que outros motivos devem estar influenciando na tomada de posição dos udenistas. A conveniência eleitoral nos Estados onde o partido fêz, ou pretende fazer, para o próximo pleito, alianças com algum dos partidos do Governo. Compreende-se que estas, embora regionais, mal se avenham com uma oposição vigorosa no âmbito federal. Para as preservar ou formar, mister se faz certa complacência, senão verdadeira transigência. Esta é a política realista, que está dominando a União Democrática Nacional.

Mas, tomando rumo tal, por tal motivo evidente se torna que a União Democrática Nacional renuncia o seu grande e histórico papel na política nacional. Torna-se simplesmente um partido para a exploração do poder.